

Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero
Daniel Lozakovich



05 + 06 dez 2019

Música e Natureza

05 DEZEMBRO
QUINTA
21:00 — *Grande Auditório*

06 DEZEMBRO
SEXTA
19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian **Giancarlo Guerrero** Maestro **Daniel Lozakovich** Violino

IMAGEM DE CAPA: DANIEL LOZAKOVICH © LEV EFIMOV – DEUTSCHE GRAMMOPHON

Modest Mussorgsky

O Amanhecer no Rio Moscovo
(Prelúdio da ópera *Khovanchtchina*)

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35

Allegro moderato
Canzonetta: Andante –
Finale: Allegro vivacissimo

INTERVALO

Maurice Ravel

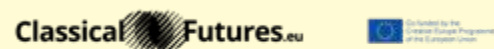
Le tombeau de Couperin

Prélude
Forlane
Menuet
Rigaudon

Igor Stravinsky

Suite de *O Pássaro de Fogo* (1919)

Introdução: O Pássaro de Fogo e a sua dança
Ronda (Khorovod) das princesas
Dança infernal do rei Kachtchei
Berceuse
Final



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mercado de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Duração total prevista: c. 1h 45 min.
Intervalo de 20 min.

Modest Mussorgsky

O Amanhecer no Rio Moscovo

COMPOSIÇÃO: c. 1874
DURAÇÃO: c. 6 min.

A ópera *Khovanchtchina* foi o último projeto operático idealizado por Modest Mussorgsky. O compositor iniciou-o na época em que fazia a revisão de *Boris Godunov* e acelerou o trabalho nos anos imediatamente posteriores (1875-76). Abandonou-a porém em seguida, para só a retomar em 1879 e até ao final do verão de 1880, período este que é cindido pela sua exoneração da função pública devido ao absentismo e alcoolismo. Sem rendimentos, os seus amigos juntam-se para o subsidiar, expressamente para que ele completasse a *Khovanchtchina*. Mas Mussorgsky morreria em março de 1881, deixando a ópera quase completa, se bem que em partitura de piano com as partes vocais. Pegando nos materiais deixados, Rimsky-Korsakov terminou, reviu/recompôs e orquestrou-a, provendo ainda à sua estreia, em 1886, em São Petersburgo. Tal como o *Boris*, esta ópera lida também com histórias da realeza russa de tempos passados, no caso, a revolta liderada pelo príncipe Khovansky (*Khovanchtchina* designa algo como “a golpada de Khovansky”) em 1682, na menoridade do futuro czar Pedro, o Grande. O prelúdio da ópera, escrito em 1874 (ou 1873?) é um típico exemplo da introdução que nos ambienta com o local da ação numa escrita sugestiva do raiar do dia¹. Os arpejos ascendentes iniciais das cordas dão a imagem desse raiar do dia ou do reflexo dos primeiros raios de luz no elemento aquático, após o que o clarinete desenha uma melodia sobre *tremoli* dos violinos e pontuações da harpa. Esse início

Karevo, 21 de março de 1839
São Petersburgo, 28 de março de 1881



MODEST MUSSORGSKY, POR ILYA REPINE, 1881 © DR

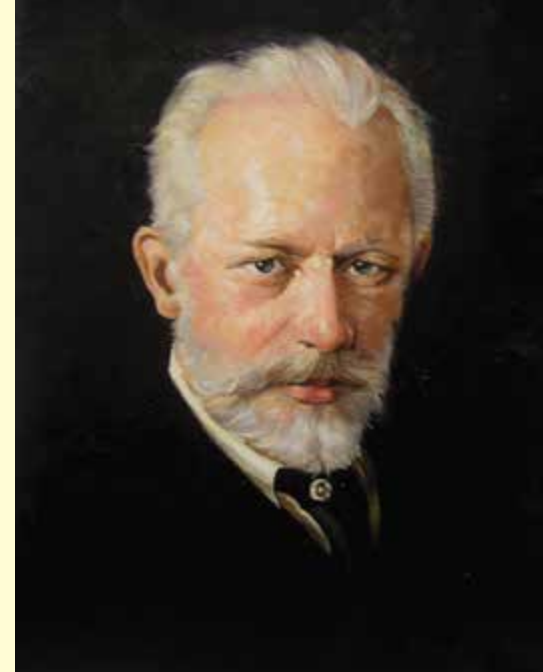
será dominado pelas madeiras (e trompa), a predominância das cordas surgindo mais adiante, num largo tema que mostra quão bem Mussorgsky conheceria a ópera italiana da época². O uso do tremolo e o relevo dado a madeiras e harpa conferem a esta página uma textura mais leve e transparente, condizente com a hora matinal. Mas não faltarão os sinos, ou as pontuações ou notas-pedal “ominosas” nos graves para dar acentos mais “russos” a esta Abertura.

¹ Pela mesma altura, Grieg escrevia a peça “Ânimo matinal” para *Peer Gynt*, mais tarde colocada a abrir a Suite n.º 1 da mesma obra.

² A título de exemplo, a *Gioconda* de Ponchielli é quase exata contemporânea da *Khovanchtchina*, embora só se tenha ouvido na Rússia em janeiro de 1883, em São Petersburgo.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Votkinsk, 7 de maio de 1840
São Petersburgo, 6 de novembro de 1893



PIOTR ILITCH TCHAIKOVSKY, POR NIKOLAI KUZNETSOV, 1893 © DR

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35

COMPOSIÇÃO: 1878
ESTREIA: Viena, 4 de dezembro de 1881
DURAÇÃO: c. 35 min.

O Concerto para Violino de Tchaikovsky é a obra que simboliza a recuperação psicológica do compositor após a breve, mas traumática experiência do seu casamento com Antonina Miliukova. Foi escrito em Clarens, junto ao Lago Léman, com a assistência do amigo violinista e ex-aluno Iosif Kotek. As datas de composição vão de 6 a 16 de março de 1878, o que ilustra a urgência com que a inspiração se lhe manifestou! A sua intuição e a opinião de Kotek levá-lo-iam a escrever um novo *Andante* (a *Canzonetta* central), datado de 24 de março, que “melhor correspondesse aos dois muito complicados andamentos extremos” [carta a Nadejda von Meck]. A 30 de março, era dada por terminada a partitura de orquestra, que seria editada no ano seguinte por Jurgenson, de Moscovo. Acidentada foi porém a estreia da obra, programada para março de 1879, já que o intérprete previsto (e dedicatário), Leopold Auer, se recusou a estreá-la por não se identificar com a escrita! Mais tarde, também Émile Sauret e o próprio Kotek se “desviaram” dessa responsabilidade, pelo que seria Adolf Brodsky a fazê-lo, com a Filarmónica de Viena, a 4 de dezembro de 1881, sob a direção de Hans Richter. Brodsky faria igualmente a estreia russa, em Moscovo e, em reconhecimento do seu esforço e entusiasmo, Tchaikovsky acabou por dedicar-lhe o seu Concerto. Romântico de expressão, mas guiando-se sempre pela tradição clássico-romântica do género, este Concerto abre com um *Allegro*

moderato em forma-sonata (com três temas) que apresenta a particularidade de a muito virtuosística *cadenza* do solista nela não figurar após a recapitulação (como era costume), mas estar antes inscrita no desenvolvimento, o qual funciona paradoxalmente como distensão face ao que o rodeia. O *Andante* central está na forma ABA e tem a função de “intermezzo” lírico – ainda que emocionalmente profundo – entre dois andamentos brilhantes e virtuosísticos. Entra sem pausa o turbulento *Allegro vivacissimo* conclusivo, endiabrado e pejado de dificuldades para o solista. Na forma ABABA, ele faz contrastar o virtuosismo dançante e estonteante de A com o carácter mais melancólico, mas ainda *virtuoso* (com algo de cigano) da parte B. Repouso dá-o apenas um episódio em tonalidade menor (derivado de B) e que faz de “ponte” para os regressos de A.

Maurice Ravel

Ciboure, 7 de março de 1875
Paris, 28 de dezembro de 1937

Le tombeau de Couperin

COMPOSIÇÃO: 1919 (versão orquestral)
ESTREIA: Paris, 28 de fevereiro de 1920
DURAÇÃO: c. 18 min

De *tombeau de Couperin* é um “filho” do primeiro grande conflito mundial do século XX. Primeiramente, porque ele homenageia amigos do compositor caídos na frente de batalha; secundamente, porque ele é um renovado (e consumado) exemplo do sobressalto nacionalista e “latinista” que, se já se fazia sentir entre os músicos franceses desde a *Belle Époque*, mais se exacerbou com o desencadear das hostilidades com a Alemanha imperial. E constituía uma feição definidora dessa matriz “gaulesa” e “latina” da música do Hexágono – que afirmava ao mesmo tempo uma ostensiva recusa de toda a estética (pós-)romântica – precisamente o recuo ao passado barroco, ao *Grand Siècle* e aos grandes compositores de música instrumental do tempo dos Luíses, encabeçados por Couperin e Rameau. Ravel faz justamente isso, aqui, no título e nas barrocas formas de dança (ou instrumentais) empregues; ao mesmo tempo, retoma a velha tradição francesa do *tombeau*, ou seja, do epitáfio musical. Como frequentemente acontece com Ravel, esta obra viu primeiramente a luz do dia na forma de suite para piano solo, com seis números: *Prélude*, *Fugue*, *Forlane*, *Rigaudon*, *Menuet* e *Toccata*, cada um deles com um dedicatário diferente ¹. A própria composição foi afetada pela guerra: Ravel iniciara-a nos meses finais de 1914, mas a sua contribuição para o esforço militar ² viria a interromper por completo a sua atividade de compositor, que só retomaria uma vez desmobilizado, no outono de 1917. Foi então

que retomou e terminou esta obra. A estreia foi protagonizada por Marguerite Long (1874-1966), a 11 de abril de 1919, na Sociedade Musical Independente (Salle Gaveau), em Paris ³. Dos seis números da versão para piano viria Ravel, pouco depois, a orquestrar quatro (deixou de fora a *Fugue* e a *Toccata*), acabando por, para esse efeito, trocar a posição do *Rigaudon* e do *Menuet*, já que aquele tinha um caráter mais conclusivo. A versão orquestral estreou a 28 de fevereiro de 1920, na série de concertos *Pasdeloup*, com direção de Rhené-Baton (1879-1940), que fora quem primeiramente sugerira a Ravel a ideia da transcrição. A orquestração prevê madeiras a dois (mais corne-inglês), duas trompas e um trompete, harpa e cordas. Uma dimensão camarística que acentua mesmo as texturas cristalinas e transparentes da versão pianística. Como sempre acontece com Ravel, não se trata aqui de uma mera transcrição a partir do original para piano solo, mas antes de uma reelaboração (ou reconceptualização) da obra para o *medium* orquestra. O *Prélude (Vif)* é dominado por uma melodia ondulante do oboé, que depois as cordas tomam e animam até um primeiro cume dinâmico. Um (muito) pequeno desenvolvimento amplificará esse movimento e a coda servir-se-á de reminiscências até um final ao qual a harpa (desenho ascendente), as cordas (*em tremolo*) e as madeiras (em trilos) dão um caráter todo ele poético. A *Forlane* tem aquele semblante insondável e enigmático, que tanto



MAURICE RAVEL C. 1917 © DR

pode ser a “graça” perdida da época de Watteau como a própria personalidade de Ravel. Em compasso 6/8, a parte A é inteiramente dominada pela muito característica célula rítmica inicial, que lhe empresta um balanço muito peculiar, com, por vezes, uma apogiatura inicial. As recorrências de A vão alternando com episódios (ou *galanteries*), que variam no tipo de escrita que apresentam e nos instrumentos em relevo. A breve coda, em fragmentos melódicos, relembra a célula rítmica definidora. O *Menuet* tem um “passo” cerimonioso muito francês e é dominado pelos oboés, acompanhados pelo fagote e, mais discretos, clarinete e corne-inglês. O *Trio* apresenta uma melodia em estilo coral orientalizante (ou de sabor russo?) a que depois as cordas dão um ar mais ameaçador, conduzindo ao único *fortissimo* da peça. No regresso de A, o oboé divide as “despesas” da condução melódica com violinos e madeiras, até um progressivo “adormecimento” sonoro. A coda tem uma orquestração de um refinamento mágico que lembra *L'enfant et les sortilèges* ⁴.

No *Rigaudon* final sucede, como na *Forlane*, a preeminência da célula rítmica (no caso, duas) na condução do discurso na parte A (em dó maior indicativo). A ela sucede um *Moins vif* (em Dó menor), dominado pelo oboé, apoiado num acompanhamento guitarrístico das cordas ao qual é dado inegável sabor espanhol. Ao oboé, sucederão flauta e clarinete sobre a mesma textura. Uma breve “ponte” muito poética, com madeiras e harpa, traz de volta a parte A, abreviada e que conclui a obra.

¹ O *Rigaudon* é dedicado a dois irmãos.

² Após muita insistência, conseguiu que o destacassem como motorista de ligação entre a frente e a retaguarda, pois não era apto para o combate.

³ De notar que a peça final, a *Toccata*, foi por Ravel dedicada ao musicólogo Joseph de Marliave, de quem Marguerite Long ficara viúva logo nas primeiras semanas da guerra.

⁴ A segunda ópera de Ravel, cuja composição iniciou em 1917.

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 17 de junho de 1882
Nova Iorque, 6 de abril de 1971

Suite de *O Pássaro de Fogo*

COMPOSIÇÃO: 1919

ESTREIA: Genebra, 12 de abril de 1919

DURAÇÃO: c. 20 min.

O Pássaro de Fogo foi a primeira colaboração de Igor Stravinsky, então com 27 anos (faria os 28 alguns dias antes da estreia do ballet) e ainda desconhecido no Ocidente, com a companhia *Ballets Russes*, que o empresário Sergei Diaghilev criara em Paris em 1909. A partitura que ele concebeu para este conto fantástico tradicional russo revelou de modo fulgurante um compositor dotado de um talento nato para escrever música de cena para dança e para criar ambientes, apoiado sobre um seguro *métier* de orquestrador (neste âmbito, é sensível nesta obra a influência de Rimsky-Korsakov, seu professor). Foi essa a primeira “pedra” de uma trilogia com que, no espaço de meros três anos, Stravinsky e Diaghilev revolucionaram a paisagem musical europeia e a dança clássica. As restantes sendo *Petrushka* (1911) e *A Sagração da Primavera* (1913), fizeram de Stravinsky uma celebridade mundial. Escrito em escassos seis meses (novembro de 1909 a maio de 1910), *O Pássaro de Fogo* estreou a 25 de junho de 1910, na Ópera de Paris, sob a direção de Gabriel Pierné, e foi um sucesso imediato. Da partitura original, com 22 números e uma duração vizinha dos

50 minutos, Stravinsky faria em 1911 uma primeira síntese na forma de Suite, destinada a introduzir a obra no repertório sinfônico, mantendo embora a orquestração original para grande orquestra pós-romântica. Seguir-se-iam outras duas revisões/versões, em 1919 e em 1945, em ambos os casos “reorientando” a obra para uma orquestra sinfônica *standard* (com piano) e provendo os números selecionados de “codas” que os tornassem peças “fechadas”. A revisão e Suite de 1919 foi preparada em Morges (Suíça) e dedicada ao maestro Ernest Ansermet e à sua Orchestre de la Suisse Romande. A estreia ocorreu em Genebra (Victoria Hall), a 12 de abril de 1919. A história gira à volta de três personagens: o Príncipe Ivan (ou Ivan Tsarevitch), o pólo positivo; o Pássaro de Fogo, personagem meio mulher/meio ave, mediador entre os mundos real e fantástico; e o feiticeiro Kachtchei, o Imortal, o pólo negativo. Entre os dois pólos, o pássaro mágico aliar-se-á a Ivan e será decisivo para que este derrote Kachtchei e liberte todos os seres por ele enfeitiçados, incluindo uma princesa por quem Ivan entretanto se apaixonara.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

IGOR STRAVINSKY, c. 1923 © DR



Giancarlo Guerrero

Maestro



© TONY MATULA

Giancarlo Guerrero cumpre atualmente a décima primeira temporada como Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Nashville. É também Diretor Musical da Filarmônica de Wrocław, na Polónia, e o atual Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian. Nasceu na Nicarágua, mas emigrou para a Costa Rica na infância. O seu talento musical permitiu-lhe estudar percussão e direção de orquestra nos Estados Unidos da América, tendo obtido o grau de Mestre em Direção de Orquestra pela Northwestern University. Ao longo da sua carreira, foi distinguido com seis prémios *Grammy*. Dirige regularmente as principais orquestras norte-americanas, incluindo as de Baltimore, Cincinnati, Chicago, Cleveland, Dallas, Detroit, Houston, Indianapolis, Los Angeles, Milwaukee, Montreal, Filadélfia, Seattle, Toronto, Vancouver e Washington DC (National Symphony). Têm sido também muito bem recebidas as suas regulares apresentações na Europa, à frente de orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Filarmônica de Bruxelas, a Deutsche Radio Philharmonie, a Filarmônica da Radio France, a Residentie

Orkest, a Sinfónica NDR de Hanôver, a Sinfónica da Galiza ou a Filarmônica de Londres. Estreou várias obras de compositores contemporâneos, incluindo John Adams, John Corigliano, Osvaldo Golijov, Jennifer Higdon, Michael Daugherty, Roberto Sierra, Richard Danielpour, Béla Fleck e Jonathan Leshnoff. No domínio da ópera, dirigiu produções de *Carmen*, *La bohème* e *Rigoletto* na Ópera Lírica da Costa Rica. Estreou-se na Ópera de Houston em 2015, tendo então dirigido *Madama Butterfly*. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outras, novas atuações com a Sinfónica de Boston, a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Sinfónica de Bamberg e a Sinfónica da Nova Zelândia. Giancarlo Guerrero dedica-se também com entusiasmo às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles) e a Yale Philharmonia. Desenvolveu também uma relação de proximidade com a National Youth Orchestra, em Nova Iorque, tutelada pelo Weill Music Institute of Carnegie Hall.

Daniel Lozakovich

Violino



© LEV EFIMOV – DEUTSCHE GRAMMOPHON

Daniel Lozakovich nasceu em Estocolmo em 2001. Estreou-se como solista com a Moscow Virtuosi Chamber Orchestra, sob a direção de Vladimir Spivakov. Estudou com Josef Rissin na Universidade de Música de Karlsruhe e, desde 2015, tem como seu mentor Eduard Wulfson, em Genebra. Daniel Lozakovich colabora regularmente com importantes orquestras europeias, sob a direção de maestros como Semyon Bychkov, Neeme Järvi, Klaus Mäkelä, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Lahav Shani, Tugan Sokhiev, Leonard Slatkin, Nathalie Stutzmann, Robin Ticciati ou Lorenzo Viotti. Estreou-se recentemente com a Sinfónica de Boston, em Tanglewood, e apresentou-se em Nova Iorque, no festival *Mostly Mozart*, com Louis Langrée. Realizou digressões no Japão e na Ásia com os maestros Valery Gergiev e Andrés Orozco-Estrada. Na presente temporada estreia-se com a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica de Toronto, a Filarmônica de Los Angeles, a Orquestra de Paris e a Filarmônica de São Petersburgo. Em recital, Lozakovich apresentou-se na Salle Gaveau, na Fundação Louis Vuitton e no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, no Tonhalle de Zúrique,

no Victoria Hall de Genebra, no Conservatório Giuseppe Verdi de Milão, na Elbphilharmonie de Hamburgo e no Teatro Mariinsky de São Petersburgo. É também regular a sua presença em festivais, incluindo Verbier, Gstaad, Montreux, Moscovo, Roterdão, Aix-en-Provence, Saint-Denis ou Schleswig-Holstein. Colabora com artistas de primeiro plano como Emanuel Ax, Ivry Gitlis, Renaud Capuçon, Shlomo Mintz, Denis Matsuev, Khatia Buniatishvili, George Li, Seong-Jin Cho, Martin Fröst e Maxim Vengerov. Daniel Lozakovich foi distinguido com vários galardões, incluindo o 1.º prémio no Concurso Internacional de Violino Vladimir Spivakov (2016), o prémio “The Young Artist of the Year 2017” do *Festival of the Nations*, o Premio Batuta (México) e o “Prémio de Excelência”, sob a presidência honorária da Rainha Sofia de Espanha. Desde os quinze anos, grava em exclusivo para a Deutsche Grammophon. Daniel Lozakovich toca o Stradivarius “ex-Baron Rothschild” por generoso empréstimo da Reuning & Son, Boston, e Eduard Wulfson, e também o Stradivarius “Reynier” (1727), generosamente cedido por LVMH / Moët Hennessy. Louis Vuitton.

Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
Álvaro Pereira
*2º Concertino Auxiliar**
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
David Ascensão *
Tomás Costa *
Mafalda Rodrigues *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Flávia Marques *
Joana Weffort *
David Bento *
Anna Paliwoda *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Leonor Braga Santos *2º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming *
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Precilia Diamantino *
Artur Mouradian *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo *
Catarina Távora *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *1º Solista*
Marine Triolet *2º Solista*
Maja Plüddemann
Vanessa Lima *
Ricardo Tapadinhas *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista*
Ana Filipa Lima *1º Solista**
Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Iva Barbosa *1º Solista*
Telmo Costa *1º Solista*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Nuno Vaz *1º Solista**

Eric Murphy *2º Solista*
Pedro Fernandes *2º Solista**
Paulo Guerreiro *2º Solista**

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar**
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sergi Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *1º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
José Vitorino *2º Solista**
João Braga Simões *2º Solista**
Cristiano Rios *2º Solista**

PIANO / CELESTA
Inês Mesquita *1º Solista**

HARPA
Carolina Coimbra *1º Solista**

*Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins,
Marta Ferreira de Andrade,
Raquel Serra e Fábio Cachão

07 dezembro

Madama Butterfly

Puccini

The Metropolitan
Opera

 GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT



13 — 16 dezembro

Oratória de Natal

J. S. Bach



Coro e Orquestra
Gulbenkian

Michel
Corboz

GULBENKIAN.PT



APLAUDIR O PAPEL DA CULTURA
É TAMBÉM O NOSSO PAPEL

A arte e a natureza têm o poder de inspirar, tocar e transformar as pessoas como poucas coisas no mundo. É com orgulho que a Navigator aplaude o papel incomparável da cultura na vida de todos, ao ser Mecenaz Música e Natureza para a Temporada de Música 19/20 da Gulbenkian.

Viver o futuro da cultura é o seu inspirador papel.

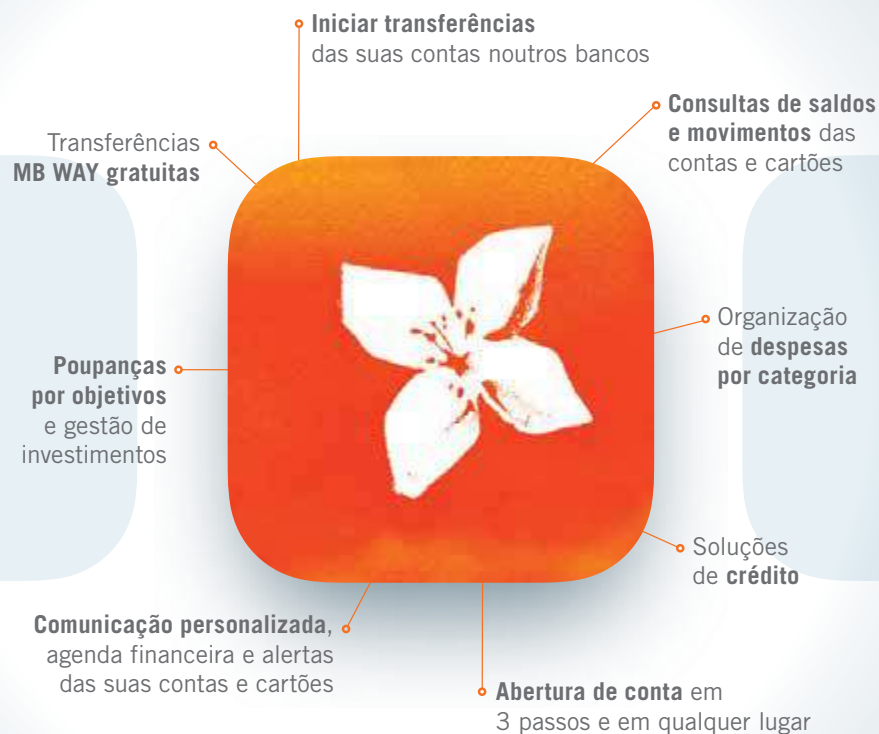


Mecenaz Música e Natureza
Temporada de Música 19/20 da Gulbenkian.

thenavigatorcompany.com

Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.

PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

A BPI App tem ^{quase} tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2019

